

DORES NA FAMÍLIA: MOMENTOS DA MATERNIDADE.

Os sentimentos ambivalentes sempre estão presentes diante da situação em que a mulher descobre que gera um novo ser. Por outro lado, há a dor da descoberta que não pode dar à vida seu ansiado bebê. Temores, alegrias e a confusão permeiam todo o percurso, desde o planejamento, a gestação, o parto, o nascimento do filho, seu crescimento e, mesmo quando o filho gerado não mais necessita dos cuidados maternos, a maternidade não termina. A gestação pode ser complicada e não se realizar, pode trazer risco à saúde da criança e/ou da mãe. A criança pode apresentar inúmeras possibilidades de sofrer com doenças, tanto congênitas quanto adquiridas, diante das quais os genitores e, em especial a mãe, se mobilizam. Mas não é somente diante de intercorrências atípicas que há a presença de sentimentos ambivalentes. Também quando todo o desenvolvimento ocorreu de modo a conduzir o ser gerado a sua maturidade, a ponto de poder, então, constituir um novo lar, o luto pela prole que se distancia mistura-se com a percepção de que a tarefa foi cumprida, trazendo satisfação. Objetiva-se, no simpósio, apresentar e discutir trabalhos de pesquisa conduzidos tendo como eixo a maternidade, que pode ter sido permeada, desde o seu início, por incertezas, as quais não terminam apesar do crescimento e amadurecimento dos filhos. No momento em que as relações familiares passam por modificações, que envolvem desde a alta incidência de gestações de adolescentes, das famílias multiparentais, de mudanças nas leis que regem a adoção e também do próprio papel da mulher no seio da família, ainda como a maior responsável pelo seu cuidado, discutir como ela vivencia e enfrenta seus receios é fundamental. Por outro lado, avanços da medicina, que permitem a detecção cada vez mais prematura de problemas ligados ao desenvolvimento fetal e intervenções precoces, tanto para a mãe quanto para os bebês, buscam reduzir as incertezas, que nunca estarão ausentes do percurso da díade. Do profissional psicólogo que, atuando em serviços de saúde, como hospitais, unidades básicas, ambulatorios de especialidades ou em clínicas, depara-se com as situações de crise que envolvem o desenvolvimento normal ou patológico, espera-se que esteja cada vez mais ciente dos sentimentos e reações que se fazem presentes. Sua atuação deve estar embasada em conhecimento sólido, obtido tanto por meio da teoria quanto da pesquisa e da prática. O acolhimento que deve fornecer, em certa medida, remonta à ideia de maternagem, mesmo que esta se exerça, não sobre o indivíduo, mas sobre uma dupla, por vezes, no momento, indissolúvel. Compreender as diversas possibilidades que o trabalho do profissional abarca, em seus diferentes níveis preventivos, é obrigação ética. A contribuição que se pretende oferecer é decorrente de pesquisas, mas que, de modos diversos, permitiram às mães a expressão de aspectos de importância em suas vivências de maternidade.

ATENDIMENTO PSICOLÓGICO NA GESTAÇÃO DE ALTO RISCO NO HOSPITAL REGIONAL DE ASSIS. *Camila Rippi Moreno*, Tamires Wedekim de Toledo*, Helena Rinaldi Rosa, Maria Luisa Louro de Castro Valente, Mary Yoko Okamoto (UNESP Univ. Estadual Paulista – Assis – SP).*

O período de gestação pode ser caracterizado como uma fase de conflitos, em que a mulher vivencia uma gama de sentimentos. O modo como cada mulher lida com tal situação remete à sua história pessoal e ao contexto particular no qual a gravidez ocorre, podendo existir uma dificuldade maior em se tratando de uma gestação de risco. Segundo o Ministério da Saúde, entende-se por gestação de alto risco aquela na qual a vida ou a saúde da mãe e/ou do feto tem maiores chances de serem atingidas por complicações do que a média das gestações. O setor de obstetrícia do Hospital Regional

de Assis (HRA) são atendidas exclusivamente gestantes de alto risco, estas são encaminhadas para este hospital por geralmente precisarem de técnicas e suporte mais especializados caso aconteçam complicações no desenvolvimento da gestação. Este trabalho tem como objetivo apresentar as atividades desenvolvidas no Projeto de Extensão Universitária: Atendimento Psicológico no HRA, que realiza uma avaliação psicológica interventiva nas gestantes de alto risco com o intuito profilático, buscando agir de modo sensível e acolhedor para que elas possam colocar suas angústias, medos e fantasias neste espaço oferecido e assim consigam compreender o significado desta criança em sua vida e a importância da relação mãe-bebê no seu desenvolvimento. Como método é realizada uma entrevista psicológica com todas as adolescentes gestantes, quando as próprias pacientes solicitam ou mediante encaminhamento das enfermeiras para o setor de psicologia, quando consideram necessário. Em 2012 foram realizados, por duas estagiárias de psicologia, atendimentos a 53 gestantes de risco, em sua maioria composta por adolescentes com idade entre 10 e 15 anos (75%) e quase 8,4% das entrevistadas estavam na faixa etária de 30 a 39 anos. A maior parte das gestantes era de classe baixa, em sua maioria engravidaram de homens mais velhos com os quais se relacionavam há pouco tempo. Aproximadamente 85% das mulheres estavam na sua primeira gestação, a maior parte das entrevistadas tinha como profissão dona de casa e estudantes; é notável apontar dentre as jovens, o abandono dos estudos após a notícia da gravidez. A escuta voltada para a fala das gestantes adolescentes nos permite observar que estas muitas vezes se sentem felizes com a gravidez, apesar de não apresentarem perspectivas futuras. Já as gestantes com maior idade mostram-se mais preocupadas com a saúde do bebê e as consequências para ele caso ocorra um parto prematuro. Concluiu-se que é de fundamental importância oferecer às mães, principalmente aquelas que vivem uma gestação de risco, uma escuta psicológica que funcione como um apoio para a elaboração de angústias e fantasias, favorecendo suas capacidades para enfrentar novas situações, assim como projetos de vida futura, de modo a fortalecer o vínculo que será estabelecido entre essa mãe e o seu bebê.

Apoio financeiro/Bolsa: Pró-Reitoria de Extensão – PROEX

Nível do trabalho: Pesquisador - P

Palavras-chave: avaliação psicológica; psicologia hospitalar; gestação de risco.

Área da Psicologia: FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade

PARTIDA DO LAR MATERNO: REAÇÕES E SENTIMENTOS DAS GENITORAS. *Tamirez de Freitas Serafim**, *Fernanda Nicastro Martinelli**, *Ana Lúcia Gatti (Universidade São Judas Tadeu- São Paulo – SP)*

Biologicamente, especificamente nos mamíferos, o vínculo mãe/filhotes é fundamental para a sobrevivência da nova geração. Deste modo, todos os bebês tendem a desenvolver um forte laço com a mãe, o qual, além de biológico, na espécie humana, adquire também outras características. A relação mãe-filho vem sendo discutida há muitos anos, principalmente por teóricos psicanalistas, desde quando o filho ainda é bebê até a sua vida adulta. O apego das mães pode fazer com que se tornem possessivas em relação a seus filhos e os efeitos da separação podem trazer a elas problemas que interfiram em muitos aspectos de suas vidas. Especialmente mulheres que se dedicaram de modo exclusivo à criação dos filhos podem ter dificuldades no momento em que estes se afastam de casa. O estudo orientou-se principalmente para investigar, por meio dos relatos das mães, as reações e sentimentos que tiveram por terem se separado de seu filho e como se tornou a vida dessas mães no seu dia-a-dia. Consiste em uma pesquisa

exploratória, de levantamento, de caráter qualitativo e quantitativo, com oito participantes ($X = 48$ anos; $DP = 3,5$), cinco das quais trabalhavam, as quais foram entrevistadas, utilizando-se um roteiro semiestruturado e uma ficha de caracterização, que buscou levantar e analisar, por meio de seus relatos, seus sentimentos e reações. Tais mães foram entrevistadas e os dados de suas entrevistas gravadas, transcritos e analisados. Verifica-se que a ausência dos filhos, que haviam partido entre oito e 23 meses antes da época da coleta de dados, gera tristeza nas mães, ainda que em quatro dos casos a saída tenha ocorrido em função de haverem casado. As mães, de uma forma geral, demonstram sentimentos ambivalentes. A maioria das mães relatou ter um sentimento de perda e vazio, afirmou que houve muito sofrimento com a partida deles, pois sente ainda vontade de protegê-los e ampará-los; estando longe, acha que sempre irá faltar algo para eles. No entanto, todas entendem que a realização desta mudança é primordial para o amadurecimento de seus filhos. As mães se refugiam neste pensamento para a aceitação da saída do filho, mas por outro lado a tristeza e solidão as consomem. A passagem do tempo não apareceu como fator determinante para a mudança dos sentimentos, tal qual seria esperado em processos de luto. O estudo poderia ter analisado também se a partida do filho fez com que as mães se aproximassem ou se afastassem de seus maridos, se a saída deles trouxe benefícios ou problemas, eventual ampliação ou restrição da rede social e possíveis alterações na auto-imagem, sugerindo nova investigação para complementar o que não pôde ser abarcado, dado serem estes elementos que podem vir a interferir no dia-a-dia das genitoras.

Nível do trabalho: Pesquisador - P

Palavras-chave: ninho vazio; relatos; maternidade.

Área da Psicologia: FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade

A EXPRESSÃO DAS VIVÊNCIAS EMOCIONAIS DE MÃES DE CRIANÇAS COM CARDIOPATIA CONGÊNITA. *Gean Matias Bezerra**, *Valéria Lima da Silva**, *Claudia Aranha Gil (Universidade São Judas Tadeu, São Paulo -SP)*

O coração é um dos principais órgãos do corpo humano contribuindo de maneira vital para o seu funcionamento. Do ponto de vista simbólico o coração pode ser considerado, além do órgão centralizador da vida, a sede da sensibilidade moral, das paixões, sentimentos, amor e afeto. Ao abordarmos a temática em questão devemos considerar os aspectos sociais, culturais, religiosos e biológicos que esse órgão possui, bem como os diversos significados que geram repercussões emocionais que afetam os portadores de cardiopatia congênita e seus familiares. As cardiopatias congênitas são geradas por uma malformação na estrutura e na funcionalidade do coração da criança ainda em sua vida uterina. Existe uma alta prevalência de crianças que nascem com cardiopatias congênitas, o que faz com que muitas vezes sofram internações, procedimentos invasivos e dolorosos, provocando grande sofrimento à família e principalmente à mãe que costuma acompanhar de forma intensa a vida da criança desde o período gestacional. Este estudo teve como objetivo compreender as vivências emocionais de mães de crianças com cardiopatia congênita. Foram entrevistadas cinco mães de crianças com cardiopatia congênita de ambos os sexos, que possuam filhos com idades entre cinco e doze anos. Para a coleta dos dados foi utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturada contendo dez questões abertas referentes ao tema. Os dados coletados foram gravados, transcritos e analisados através do método de Análise de Conteúdo, que permitiu a análise do discurso das mães. Os resultados mostraram que após a descoberta

do diagnóstico da cardiopatia houve a prevalência de sentimentos como angustia, medo e desespero, também observados durante o período de realização das cirurgias. O medo da morte dos filhos esteve evidente no discurso das mães nestas etapas. Verificou-se que a rede de apoio composta pela família, emprego, escola da criança e de ONGs é fundamental para que as genitoras se sintam mais acolhidas durante o tratamento da patologia. De modo geral, a cardiopatia não prejudicou as relações da criança com a família, sociedade e as mães, contudo, o comportamento de superproteger os filhos está presente entre grande parte das entrevistadas. Em relação ao futuro dos filhos, as genitoras esperam que eles possam ter uma vida sem maiores restrições, mas ao mesmo tempo temem possíveis complicações do estado de saúde. Os resultados da pesquisa evidenciam a necessidade de estudos na área para que seja possível compreender a complexa relação entre a família da criança cardiopata, sobretudo a relação da mãe com seu filho e a patologia que o acomete.

Nível do trabalho: Pesquisador - P

Palavras-chave: criança cardiopata, cardiopatia congênita, relação materno infantil.

Área da Psicologia: FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade

INFERTILIDADE NA MULHER E A REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA IDEAL. *Hilda Rosa Capelão Avoglia; Aline Cristina Costa Rufino* (Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP).*

É reconhecida a tendência natural do casal de formação familiar, contudo, a infertilidade pode surgir com uma inesperada barreira na capacidade de engravidar. Nesse caso, as mulheres são as mais atingidas psicologicamente pelo diagnóstico de infertilidade, pois a maternidade se constitui em um desejo e uma idealização feminina que adquire mais ênfase no contexto sociocultural. Mesmo o casal sendo afetado psicologicamente, no caso da mulher, existe um sofrimento especial por não satisfazer o sonho da maternidade, considerando-se ainda que essa situação interfere no contexto social, profissional e familiar dos envolvidos. Diante desses desejos surge a necessidade de uma busca assídua pela formação de uma família consanguínea por meio da tecnologia com os processos de reprodução assistida. Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo identificar a representação de família ideal de mulheres que se encontram em processo de reprodução assistida. Para tanto, participaram do estudo cinco mulheres, com idades entre 25 e 40 anos, que se encontravam em processo de tratamento pelo método de reprodução assistida em um instituto de fertilidade in vitro ligado a um curso de Medicina da região metropolitana de São Paulo. Para coleta dos dados, foi realizada individualmente uma entrevista semi-estruturada e o procedimento clínico de Desenhos-Estória com Tema. A análise relacionou as produções gráficas com as histórias relatadas, a partir da qual elaboramos uma síntese qualitativa para cada caso, nos possibilitando identificar sentimentos ambivalentes e impotência diante de seu próprio corpo, além de intensa cobrança vivenciada pelas mulheres em processo de reprodução assistida. Os resultados indicaram forte expectativa com relação ao sucesso do tratamento, investida da fantasia inconsciente de cura e da resistência defensiva frente à impossibilidade de atingirem esse objetivo. A pressão exercida pelo tratamento exerceu importância na qualidade do apego mantido entre essas mulheres e seus maridos e familiares. Ainda verificou-se a idealização de uma família constituída pela presença de um filho biológico, além da realização de desejos conscientes e inconscientes da própria mulher, do cônjuge, da família e da sociedade. Além da perspectiva psíquica, foram verificados obstáculos de natureza econômica, política e social que, certamente, tornam

mais difícil o acesso desses casais aos processos de reprodução assistida. Assim, se faz indispensável políticas públicas voltadas à promoção da qualidade de vida destas mulheres, proporcionando, de modo especial, o acompanhamento psicológico para lidarem com as complexas questões que afetam esta fase da vida, não se restringido apenas à mulher, mas igualmente a seus companheiros e demais familiares.

Nível do trabalho: Pesquisador - P

Palavras-chave: reprodução assistida, família ideal, infertilidade.

Área da Psicologia: FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade